

América Latina: história, crise e movimento

de Paulo Barsotti e Luiz Bernardo Pericás (orgs.)*

Dilemas e perspectivas da América Latina

Angélica Lovatto**

Este livro é a continuação do projeto de resgate da questão latino-americana, iniciado por Barsotti e Pericás no volume *América Latina: história, idéias e revolução* e resenhado por Antonio Macário de Moura, no número 4 da Revista *Lutas Sociais* (1998: 179-182).

Os organizadores caracterizam, na apresentação ao livro, que durante todo o século XX, em função da tendência de deslocamento populacional do campo para a cidade no continente latino-americano, parecia que caminhava-se muito mais para um fortalecimento do movimento operário urbano. Porém, o que se observou, desde a Revolução Mexicana, foi uma grande radicalização das lutas no meio rural, gerando movimentos sociais e guerrilhas. Neste final de século, os exemplos mais contundentes são “as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), os zapatistas, no México, e o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), no Brasil” (1999: 7).

O artigo “América Latina: trinta anos depois de Che Guevara” abre o livro, com a competente caracterização de James Petras, cientista político norte-americano, que publicou no Brasil, entre outros, o livro *Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina* (Xamã, 1999). O autor é conhecido do público latino-americano pois, além de já ter estado em nosso continente algumas vezes, principalmente no Brasil (a *Lutas Sociais* já publicou vários de seus artigos), foi membro do Tribunal Russel contra a repressão na América Latina, sendo um autor totalmente comprometido com os dilemas vividos pelos trabalhadores latino-americanos.

Neste artigo, Petras faz uma periodização do que chama de ondas revolucionárias na América Latina, dividindo-as da seguinte maneira: Primeira onda, de 1959-1967 – da Revolução Cubana ao assassinato de Che Guevara;

* S.Paulo, Xamã/NET, Biblioteca América Livre, 1999.

** Doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP, Professora da Fundação S.André, membro do NEILS e do Núcleo Emancipação do Trabalho – NET.

Segunda onda, de 1968-1976 – período dos levantes populares massivos no Cone Sul da América Latina e nos países andinos que culminaram na instauração de regimes militares; Terceira onda, de 1977 a 1990 – período do crescimento dos movimentos revolucionários na América Central e a instalação do regime sandinista, que termina com os Acordos de Paz e a derrota eleitoral da FSLN – Frente Sandinista de Libertação Nacional; e a Quarta onda, de 1991 até hoje – período dos novos movimentos sociopolíticos revolucionários de camponeses e índios nos territórios.

Para Petras “a prática e o pensamento de Che Guevara evoluíram numa relação muito próxima com os grandes processos revolucionários na América Latina” (1999: 11) e o esforço do autor é demonstrar a relação complexa e profunda da influência de Che com aquelas políticas revolucionárias, destacando seu internacionalismo como a mais significativa contribuição. Ao encerrar, Petras afirma que “a CIA pode ter matado o homem, porém hoje suas idéias estão mais presentes que nunca na ética, na política, na prática e na cultura da nova onda de movimentos revolucionários” (1999: 21).

Depois desta abertura, é apresentado o artigo do historiador cubano José Tabares del Real, “Revolução Cubana: Quarenta anos”, a propósito da comemoração da Revolução de 1959. Membro do Movimento 26 de Julho e professor da Universidade de Havana, Tabares del Real, faz referência a três momentos históricos distintos: o momento da Cuba revolucionária, do golpe de estado de 10 de março de 1952 e suas conseqüências; o período revolucionário que vai de 1959 até o colapso do modelo de socialismo soviético e europeu ocidental e o que ele chama de período especial, que vai de 1990 até hoje. Em cada um desses momentos, o autor faz uma caracterização dos avanços e problemas vividos por Cuba, com todas as dificuldades de seu isolamento no mundo ocidental, e, fundamentalmente, em relação ao período mais crítico, que é a situação vivida por Cuba desde 1989. Tabares del Real não deixa de caracterizar as terríveis conseqüências que a crise econômica trouxe a Cuba nesta nova situação mundial, mas afirma que, nem por isso, certas políticas cubanas foram abandonadas: “não se fecharam escolas, não se afetou a saúde pública, não foi afetada a seguridade social. E ainda continuamos com nossa política internacionalista. Cuba, portanto, continua sendo, apesar de tudo, um estado livre e soberano” (1999: 37).

Assim como no primeiro volume, os organizadores do livro abrem espaço para a voz dos movimentos sociais e revolucionários latino-americanos, apresentando a entrevista “Uma faísca na selva” com Javier Elorriaga, da Frente Zapatista de Libertação Nacional, uma das principais lideranças zapatistas que veio ao Brasil juntamente com Edur Velasco, outro importante dirigente da FZLN, para a fundação do Comitê de Defesa das Comunidades Zapatistas e para conhecer a experiência do MST. Proposto pelos entrevistadores, Elorriaga traça um breve painel da história mexicana

deste século expondo a situação das lutas em Chiapas, a relação entre o movimento revolucionário mexicano do início do século com o zapatismo de hoje, a fusão dos anseios dos camponeses indígenas com a visão mais ampla do internacionalismo dos zapatistas e suas impressões sobre o MST.

Novamente o tema do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra aparece no artigo “MST: lutas e perspectivas”, de Gilmar Mauro, uma de suas principais lideranças. Nele, Gilmar Mauro desdobra as questões colocadas em sua primeira entrevista, publicada um ano antes no primeiro volume desta coleção, atualizando e desenvolvendo os novos desafios postos a cada momento para a luta dos trabalhadores sem-terra no Brasil. Neste artigo, faz uma discussão sobre o movimento e as implicações gerais da luta das esquerdas em nosso país, ressaltando que o MST é um novo jeito de fazer movimento de massas pois “rompe com certos padrões de comportamento de militância que foram desenvolvidos e utilizados por partidos políticos ao longo do tempo” (1999: 89).

Completando o tratamento da questão agrária, nos deparamos com o artigo de Osvaldo Coggiola, historiador argentino e professor da Universidade de S.Paulo, “Brasil: a questão agrária e a luta do MST”. Sua tônica principal é a da “incapacidade histórica do capitalismo em resolver os problemas elementares da constituição da Nação nos países periféricos, e mais ainda de integrá-los harmoniosamente em um suposto ‘capitalismo global’” (1999: 51). O autor caminha, portanto, em sentido diametralmente oposto aos teóricos da globalização e da pós-modernidade, afirmando que a atual questão agrária no Brasil põe na ordem do dia a necessidade de sua completa reformulação sob as condições da fase imperialista do capital e sua atual crise mundial. Para a demonstração disso, Coggiola faz um verdadeiro painel histórico da questão da terra no Brasil, desde a origem do latifúndio até os dias atuais.

Nas análises sobre o Brasil, temos os artigos de Luiz Bernardo Pericás, “Alternativas para o Brasil”, e “A opção brasileira”, do historiador brasileiro Valter Pomar. Em ambos, principalmente no segundo, há um grande espaço dedicado à crítica do livro de César Benjamim, *A opção brasileira* (1998). No primeiro, são apontadas “algumas medidas básicas e iniciais”, como o próprio autor indica, “para que se possa trabalhar com certa flexibilidade de atuação por parte de um governo que se proponha a incrementar os projetos sociais e o desenvolvimento de setores estratégicos do país” e não exatamente um conjunto de alternativas para o país. No segundo, Valter Pomar faz um balanço sobre a história do Partido dos Trabalhadores, enfocando temas como questão nacional e socialismo, globalização e construção da nação para concluir que o ideário explicitado por *A opção brasileira*, apesar de ser uma tentativa, “não constitui uma alternativa ao ideário hegemônico no PT e na esquerda brasileira” pois apesar de “uma profunda crítica tática (...) não

conseguiram superar os marcos teóricos da alternativa democrática e nacional” (1999: 154).

Em “As metamorfoses políticas e ideológicas dos partidos, organizações e tendências marxistas nos anos 80/90”, o cientista político Antonio Ozaí faz um minucioso e importante trabalho de reconstituição da esquerda brasileira nas últimas duas décadas, justificando que sua periodização parte da importância das greves operárias que o Brasil conheceu a partir de 1978 e que inauguraram “um novo estágio na história política brasileira” (1999: 155). E, fechando a coletânea, temos o artigo “Furacão na América Latina”, do economista José Martins. O autor justifica o título do artigo a partir da colocação de que “a catástrofe econômica e social que atinge o território que vai de Tijuana à Terra do Fogo, é mais profundo e devastador do que o furacão Mitch que assolou Honduras e Nicarágua, no coração da América Central” (1999:218). O autor dá uma visão ampla dos atuais problemas econômicos da América Latina, com riqueza de dados, e sua análise é pautada nas reais possibilidades para a abolição do que chama de “toda essa pré-história até agora vivida, para a libertação de um processo que pode desembocar no início de uma verdadeira história da América Latina” (1999: 219).

Para quem quer ter uma visão atual da crise e dos dilemas latino-americanos e de seus movimentos sociais e revolucionários, numa perspectiva que pretenda superar o próprio capital, não pode deixar de ler este livro.